

do Nosso Rei" (1641), afirma: "o elemento judeu era um aliado para Portugal e não um inimigo, pois ele é que permitiria que o reino retomasse o passado glorioso. Vieira é defensor de uma política de equilíbrio e neste sentido demonstra ser um verdadeiro jesuíta. (...) Na lógica do seu discurso o que define a acção era a busca de equilíbrio". No fim de contas, se os mercadores judeus eram súbditos de outros príncipes por que não também relativamente ao monarca português. Nota-se, assim, um pensamento integrado por parte de Vieira, que o insere no grupo dos espíritos mais lúcidos do seu tempo, preocupados com a independência estratégica do reino.

*Cultor da maturidade
da Língua*

A leitura dos diferentes ensaios vai-nos revelando novas e inesperadas facetas do orador sagrado, do teólogo, do pensador, do diplomata e do visionário. É fascinante ver como os mais diversos temas são abordados, sempre com rigor e com a preocupação de cultivar um estilo persuasivo e mobilizador. Sabe-

mos, porém, que as vicissitudes políticas não permitiram que obtivesse pleno sucesso. No entanto o seu pensamento e a sua palavra projectam-se ainda para os dias de hoje com especial força. Como afirma Fernando Cristóvão: "com os seus escritos, a língua portuguesa tornou-se mais dúctil e plástica, e a nossa cultura, sobretudo na sua expressão literária, ganhou dimensões de universalidade. E tão cuidadoso foi, que no fim da vida, retocou e aprimorou os seus sermões, consciente também da sua missão de escritor". Segundo a inspiração barroca, Vieira procurou, porém libertar-se dos excessos maneiristas, antes procurando um estilo "fácil e natural" que pudesse fixar a atenção dos ouvintes, na sua diversidade. A eloquência ligava-se ao uso impecável das figuras de estilo (silogismos, paradoxos, hipérbolos, apóstrofes) segundo uma preocupação de ensinar e de deleitar. E basta dar os exemplos do "Sermão pelo Bom Sucesso das Armas de Portugal contra as da Holanda" (1640) e do "Sermão de Santo António aos Peixes" (1654) para percebermos como Vieira soube ligar com única mestria esses objectivos.

Guilherme d'Oliveira Martins

-
- *SEBASTIÃO DA GAMA:*
MILAGRE DE VIDA EM BUSCA
DO ETERNO
Alexandre F. Santos
Editora: Roma Editora (ISBN 978989806339)
Lisboa, 2008 - 285 pp.
-

Uma das dificuldades que subsistem no estudo de grandes temas e de figuras da nossa cultura portuguesa, nomeadamente nos campos da literatura e da história é a falta de conhecimento fundamental sobre história religiosa e rudimentos de teologia. Esta carência de formação-base resulta da

desconsideração a que tem sido votada, tantos nos currículos escolares como académicos, a dimensão religiosa da nossa cultura, particularmente do legado cristão e católico que lhe é matricial.

De facto, é muito difícil captar o sentido íntimo de produções literárias e poéticas, da vida e acção de grandes figuras se não tivermos em linha de conta o caldo espiritual onde esses criadores foram gerados e as fontes inspiradoras das suas obras. Cai-se não raro em abordagens superficiais, laterais, mesmo recorrendo a modernas e rigorosas metodologias

científicas de análise. Raramente se consegue reconhecer as fontes onde o autor bebeu e os alicerces onde se funda a sua vida e obra.

No entanto, por vezes o mundo editorial surpreende-nos com estudos patentes em livros que marcam a diferença e procuram captar as raízes que permitem perceber a grandeza das árvores frondosas e coloridas por belas flores e succulentos frutos.

Recentemente foi editado um livro de estudo sério e rigoroso que se inscreve exemplarmente no caminho desejável da compreensão de um grande poeta cristão e místico como foi Sebastião da Gama. Este era o estudo que há muito tempo a obra deste poeta esperava como proposta de compreensão global do seu sentido.

Mercê de um trabalho aprofundado e exemplarmente redigido de um padre dehoniano, Alexandre Santos, a literatura une-se à teologia para interdisciplinarmente compreender o sentido de uma obra poética que pulsa na procura do divino.

Com o título *Sebastião da Gama: Milagre de Vida em busca do Eterno* (Lisboa, Roma Editora, 2008) Alexandre F. Santos, professor, pároco e agora também revelando-se um exímio investigador, ofereceu-nos uma interpretação profunda daquela que muito bem caracteriza como sendo a poesia do optimismo e da esperança.

Sebastião da Gama faz parte daquele grupo de ouro de poetas dos séculos XIX e XX que, na História da Literatura Portuguesa, podem ser classificados como sendo poetas de vida curta e de obra grande (exs: Cesário Verde, António Nobre, Fernando Pessoa, Daniel Faria, etc.). Nascido em Azeitão no ano de 1924 e falecido vítima de doença grave (tuberculose renal) em 1953, Sebastião formou-se na Faculdade de Letras de Lisboa e ainda teve tempo de leccionar a nossa língua portuguesa em Estremoz e de

casar nove meses antes de morrer. Apesar de ter vivido a sua juventude atormentada pela doença e ameaçada pela morte iminente, o poeta místico que passou a residir, por conselho médico, na Serra da Arrábida, a que dedicará uma obra chamada "Serra-mãe", soube beber nas fontes profundas da espiritualidade cristã e na tradição mística católica de que a Arrábida foi lugar de inspiração de grandes místicos como Frei Agostinho da Cruz, e não perder o encantamento pela humanidade e pela natureza.

Marcado por uma incessante procura de Deus e por uma fé de sabor franciscano que tendia a ver o dedo divino em todas as coisas, Sebastião distinguiu-se entre os vultos dominantes da poesia portuguesa contemporânea pela diferença de olhar a vida. A poesia contemporânea de marca existencialista e vitalista é marcada predominantemente por um pessimismo atroz, frustrativo, hiper-crítico, depressivo e, por vezes auto-destrutivo, exprimindo mais experiências de desilusão pelo Homem e pelo mundo do que sentimentos de elevação.

Gama, tendo convivido e tendo conquistado a admiração de notáveis poetas do seu tempo (José Régio, Teixeira de Pascoaes, Sofia de Melo Breyner, David Mourão Ferreira,...), consegue fazer caminho próprio e oferecer uma poesia assente num optimismo absoluto de fundo cristão. Afirma-se como um poeta capaz de cantar a grandeza do homem e da natureza, os valores da amizade e do amor que elevam as relações humanas, o casamento como forma de vida capaz de felicidade e a fé inquebrantável de uma vida outra para além da terrena que continua e optimiza em deleite o bem feito nesta vida terrena. Ao mesmo tempo, a sua poesia e o seu Diário "pedagógico e social" propõem uma espécie de manifesto para refundar as relações sociais e transformar a pedagogia escolar,

colocando o aluno no centro e o amor como valor pedagógico axial. Expressões cunhadas pela poesia de Sebastião da Gama, como “Não tenho muito que fazer, tenho muito que amar”, “Ensinar é amar”, “Pelo sonho é que vamos”, acabam por ser uma proposta de ideário de vida em ordem à construção de uma sociedade mais feliz.

A actualidade de Sebastião da Gama é flagrante em tempo de crise como o nosso, tempo de descontentamento social e até de desorientação em termos educativos. É de grande valia, pois, o estudo e a proposta de revisitação de Sebastião

da Gama feita pelo livro de Alexandre Santos que contribui com obra de grande valor o conhecimento da nossa história cultural e literária. Como nota final, e sem demérito para o estudo realizado, não podemos deixar de observar que o estudo não perdia, antes se tornava mais inatacável, se o seu autor exercitasse um maior distanciamento crítico em relação ao objecto de estudo, pois a livro é perpassado pelo encantamento incontido em relação a Sebastião da Gama e ao seu pensamento.

José Eduardo Franco

